

Diná Mendes de Souza<sup>1</sup>  
Maria Edileuza da Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho pretende conhecer a constituição do perfil identitário das mulheres moçambicanas nos contos do autor Mia Couto, na obra: O fio das Missangas. Exímio contista, seus textos trazem uma riqueza nos aspectos: literário e cultural, ao trazer mulheres, em seus diversos contextos. Nos contos analisados: *As três irmãs*, *A saia amarrotada*, *Meia culpa, meia própria culpa*, encontramos histórias de mulheres em situação de completa submissão, opressão e em busca da identidade. Entretanto, à luz de autores como: Correia (2009), Meyer e Soares (2004), Bauman (2005), Hamilton (1999), e outros, compreendemos como em Mia Couto, as mulheres dentro dos contos vivem situações de conflitos e crise identitária características dos sujeitos pós-coloniais, tão presentes na Literatura moçambicana, mas mesmo assim, elas lutam e resistem buscando encontrar o seu espaço devido no mundo de homens.

**Palavras-chave:** identidade, mulher negra, Contos de Mia Couto, literatura pós-colonial

### ABSTRACT

This work aims at understanding how identity profile of Mozambique women are constructed in tales by Mia Couto, specifically in his masterpiece "O fio das Missangas". He is a great writer and tale teller, his texts are rich in what is related to literary and cultural aspects, and it is good that those tales bring women as theme, in his several contexts. In the tales *As três irmãs*, *A saia amarrotada*, *Meia culpa, meia própria culpa* we can find stories about women in submission, oppressed situation, in search for identity. Nevertheless, following literary styles such as authors like Correia (2009), Meyer and Soares (2004), Bauman (2005), Hamilton (1999), among others, we understood (just like Mia Couto) that inside those tales women live conflict situations and identity crisis, those crisis are typically from post colonial subjects, and they are present in

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em Linguística Aplicada pela UERN, Licenciatura em Letras – UERN. [dinaeueduardo@hotmail.com](mailto:dinaeueduardo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Professora e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Letras, PPGL - UERN. Professora do Mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS - UERN. Professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGE-UERN. [edileuzacostauern@gmail.com](mailto:edileuzacostauern@gmail.com)

Mozambique literature, beside that, they fight and resist, they search for their own space in the man world.

**Key words:** Identity. Black woman. Tales by Mia Couto. Post colonial literature.

### Introdução

A vasta obra do autor Mia Couto pode ser vista por muitos ângulos, mas nos interessa alguns contos específicos que desenham com simplicidade, mas com grandeza poética, perfis femininos que emergem dos textos, revelando figuras marcadas pela história, pelo tempo, pela cultura de uma sociedade também marcada pelos conflitos e pelas turbulências do colonialismo e do pós-colonialismo.

A partir do próprio autor temos a ideia de que o nome da obra se articula com sua intenção em dar vez e voz para tantas mulheres silenciadas, submersas em comportamentos, crendices, instituídas há tanto tempo, primeiro por uma cultura machista e dominante na África especificamente moçambicana, mas que não é indiferente a todo um comportamento que se alastra por todo o mundo em considerar a mulher submissa ao homem por sua inferioridade e fragilidade, e em segundo, pela persistência das organizações sociais em reproduzirem essa cultura do macho, nas instituições deixadas pelo colonialismo que persiste em está presente, revestido de outras máscaras. O autor esclarece que as missangas são as histórias vividas por essas mulheres e o fio seria a ligação entre essas histórias, a unidade dada pelo autor que, ao mesmo tempo em que apresenta cada mulher em particular, diferentes em sua experiência, elas se unem na dor de ser mulher, de serem apagadas para darem forma a um estereótipo desenhado culturalmente. “A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas as missangas”.

Nesse impasse entre ficção e verossímil realidade, os contos escolhidos são cheios de lirismo, com o qual as personagens femininas são lapidadas com o esmero de um ourives que vai dando formas estéticas, diversas e belas às suas peças. É desse

modo que Mia Couto parte do individual, da cultura dessa mulher negra moçambicana e a desenha dentro do texto, recriando suas experiências de vida, seus sentimentos, sua alma. Entretanto, ele olha com tanta veracidade para essa construção que os sentimentos abordados, as sensações são tão universais que é impossível que, em qualquer lugar do mundo, não haja uma mulher que não se identifique com situações tão abrangentes como as vivenciadas pelas mulheres coutianas. Isso se deve a sutileza com a qual o contista apresenta essas mulheres, como também ao modo como escreve, por vezes oscilando entre o moçambicano popular, natural da terra, como parte dela, e depois, como grande escritor de olhar atento e, sob a influência de outros autores como Guimarães Rosa, ele penetra tão profundamente na alma humana e nos seus dramas, devaneios e sonhos que torna complexa a compreensão dos personagens, da mesma forma que são complexos os diferentes estados de espírito do humano, em seus diversos conflitos cotidianos. O autor vê de forma sensível o universo feminino e num jogo de palavras atreladas a cultura linguística moçambicana e os neologismos, entre o fictício e o real, entre o dito e o não dito, ele nos presenteia com um retrato da alma feminina, quieta de quase esquecida, vista tão insignificante e às vezes objetizadas como a saia velha, um cesto, pedras, um fio invisível, objetos presentes nas narrativas. Porém, por dentro elas ardem, relutam e resistem.

Para análise observamos três contos especificamente constituídos por personagens femininas que, ainda que em alguns casos timidamente, protagonizam suas histórias: *As três irmãs*, *A saia amarrotada*, *Meia culpa, meia própria culpa*. São contos nos quais, interessa-nos, observar os perfis dessas mulheres e como eles são constituídos dentro dos contos. Propomos falar dos contos com olhos voltados a construção dessas mulheres e, dentro dessa construção, analisarmos alguns pontos que constituem o contexto de cada uma delas, considerando que a obra se enquadra numa produção pós-colonialista em que os contrastes desse período não passam despercebido. Correia (2009. P. 6), afirma que:

As personagens femininas afirmam-se pela própria frequência com que aparecem nesta obra contística e pelos contornos que as definem. Sejam planas, tipificadas ou com laivos de personagens modeladas, elas marcam o seu espaço na diegese pelas funções que assumem, pelo seu discurso, bem como pelas atitudes que tomam. Com efeito, elas são as vítimas privilegiadas das contradições e injustiças da sociedade colonial e pós-colonial, por isso, não raro, estas personagens aparecem divididas entre a submissão e os primeiros raios de rebeldia, assim como entre a tradição e a modernidade.

Desse modo, podemos reconhecer que tais contradições comportamentais nessas mulheres, a persistência em continuar sobre a pressão dos homens, sobre as regras e normas machistas, mesmo quando elas podem ser libertas, a submissão entranhada na constituição de algumas personagens como em *saia amarrotada* e em *o cesto*, é intencional, para que também se perceba que ainda eram tempos de fortes domínios e condicionamento do próprio sistema cultural, político e econômico africano para com os europeus. O pós-colonialismo em suas contradições desde da própria concepção de pós-colonial, porque pode ser compreendido numa perspectiva temporal, implicando no término do período colonial, mas pode ser visto dentro de um viés ideológico considerando todo um período de dominação, desde a chegada do colonizador na colônia, todo o processo de colonização e as possíveis descolonizações do povo oprimido. Como bem coloca Hamilton (1999. P 17), quando fala sobre a influência desse período sobre a escrita nos PALOP. Segundo o autor, os antigos colonizados e os seus descendentes, mesmo com o fim do colonialismo oficial, avançam para o futuro de costas, ao contrário dos pós-modernistas que carregam o passado nas costas, mas que fixam os olhos no futuro, os pós-colonialistas encaram o passado enquanto caminham para o futuro. Quer dizer que por mal e por bem o passado colonial está sempre presente e palpável.

Nessa perspectiva, a literatura tem esse poder de retratar a realidade de um povo, pois tais vivências estão entranhadas ao escritor, seu contexto cultural, social e até linguístico. Uma prova disso é a própria língua portuguesa falada nesse bloco de Países africanos dentre os quais estão Moçambique, que se constitui herança desse povo. Não imposta, mas hoje assumida por alguns escritores como troféu de guerra, espécie de despojo, conquistado por sangue e luta dos muitos negros que resistiram e lutaram contra a dominação das terras africanas por parte dos europeus. Dentre essas formas de resistência está a tendência da qual Mía Couto fez parte, representando muito bem, a tentativa de recriar, remitificar a África, as suas raízes culturais a partir de narrativas fantásticas, e na utilização da língua portuguesa, houve um condicionamento, uma adaptação dessa à cultura, ao modo africano de ser e de falar essa língua, passando a se constituir parte de sua própria nacionalidade, agora mestiça, híbrida e transcultural.

Mía Couto, nessa perspectiva de uso da língua portuguesa e sob a forte intenção de representar a cultura, a história moçambicana, tem uma linguagem peculiar e inusitada, pois está sempre criando e recriando, misturando tradições (português culto e regionalismo), falares, e, constituindo uma linguagem própria à sua produção. Nessa mistura peculiar às suas narrativas míticas, fantásticas, frutos do imaginário e do cotidiano do seu povo, resultou em uma forma criativa de dizer, de falar, próxima da oralidade, das crenças e da cultura que perpassam gerações. Vamos então aos contos onde será possível refletir melhor sobre todas essas discussões até aqui abordadas.

O primeiro conto a analisar é também o primeiro conto do livro. *As três irmãs* nos traz logo de cara, três mulheres interessantes, mas que, em nossa perspectiva interpretativa, parece ser uma mesma mulher, com diferentes perfis, atribuídos a uma mulher aparentemente dominada, doméstica, mas que é múltipla, é versátil, é de fases. Uma sabia rimar, outra sabia cozinhar e a outra sabia bordar. São nitidamente as funções que se designavam a uma boa moça, preparada para assumir seu papel “do

lar”. Entretanto, o autor fala de três mulheres, três irmãs. O que elas têm em comum é que são frutos de um processo de formação cultural que as reprimem, que as condicionam a não ousar ser, e ser dentro dos limites impostos pelo dominador, pelo que ele projeta e espera do outro. Caladas, medidas nos gestos e nas palavras, tudo metodicamente preparado, sem que nenhum instinto, sonho, desejo pudesse levar a essa mulher a querer mais, a deixar vir à tona sua natureza. “Quem assim sabe rimar ordena, o mundo como um jardineiro. E os jardineiros impedem a brava natureza de ser bravia, nos protegem dos impuros matos”. Couto, 2006. P 04.

Tudo era milimetricamente pensado por Rosaldo. Era uma questão de criação, de impor desde cedo, culturalmente essa submissão cega e absurda às mulheres.

O fato é que essas três filhas que foram condicionadas pelo pai, após a morte da esposa, tinham uma vida isolada de tudo e de todos. Eram feitas para o pai, para suas necessidades, “*feitas para um socorro: saudade, frio, fome*”. A rápida história do conto, no entanto, profunda narrativa, aborda toda uma vida das personagens, retrata a histórias dessas três moças Gilda, Flornela e Evelina que são criadas absolutamente castradas de todas as atividades que envolva o mundo fora de suas casas e das funções a elas estabelecidas. As meninas crescem sem se dar conta de que mal vivem, sempre vigiadas pelo pai. Até que aparece um moço que muda toda a rotina das moças e, enamoradas elas veem no rapaz uma chance de começarem uma vida nova. Entretanto, seus sonhos são frustrados, pois elas presenciam o pai, em um momento que parecia caminhar para um outro desfecho, pois movido pela raiva daquele moço que veio inquietar uma ordem estabelecida, o pai, ao invés de tomar satisfações, beija o jovem num ato de ardor surpreendente que deixa as filhas em choque. O autor deixa por conta do leitor o desfecho do conto, e, nessa perspectiva de ficar por conta de quem ler, é possível sugerir que as moças tornam-se protagonistas de um crime, vingando-se dos homens. O que sugere uma inversão de papel. Também não faltariam motivos

para essas moças que, tiveram toda a sua vida roubada, controladas pelo pai e que agora lhes tirava mais uma vez a oportunidade de estarem vivas e assim, usufruírem dos seus direitos de prazer e de assumirem seus lugares sociais por direito.

No termo pós-colonial está implícito, as minorias sociais, as mulheres, os camponeses, toda sorte de esquecidos e deslocados socialmente. A condição da mulher africana que sempre foi marcada pelas barreiras, socioeconômicas e culturais, e tais barreiras influenciam, também, na própria constituição da identidade dessas mulheres, que por sua vez, enfrentam conflitos internos, existenciais sobre quem realmente são. Mia Couto inicia colocando um título genérico, e somente dentro do texto é que vamos conhecendo cada moça primeiramente pelo seu nome e depois pela função que cada uma desempenha no interior da casa. Na constituição da sua identidade, elas são filhas, tem apenas nome e funções. Sentimentos, sensações, sonhos, vontades, liberdades, tudo o mais lhe são tirados.

Há visivelmente uma corrente de submissão, de ocultação de personalidade, de desejos, há morte, afogamento e muita solidão entre os personagens. A castração se dá também no pai controlador que, pelo visto, também passou muito tempo controlando seus impulsos e desejos. Entretanto, a figura masculina que decide destinos, que cria o perfil dessas mulheres fala muito alto dentro do conto e reflete a realidade de toda uma sociedade também subjugada, mas quando se trata do macho, do homem, ele tem a opção de ser, de escolher não ser. O que não acontece com as moças. “Ardores querem-se aplacados, amores querem –se deitados”. Couto, 2006. P. 05.

Essas primeiras mulheres a serem analisadas são assim construídas para a submissão, opressão e porque não dizer supressão total das vontades, do eu, daquilo que as compõe na essência. A questão da identidade está comprometida, pois não lhes foi dado o direito de ser, elas são projeção daquilo que o masculino deseja criar como

fêmea. Isso fica mais claro o conto a seguir *Saia Almarrotada*, em que a personagem não tem nem sequer o nome como elemento identificador. É chamada de Miúda porque assim nasceu. Era pelo tamanho, pela significância que era conhecida. Sem nome, jugava o nome importante, até porque para a mulher solteira, o primeiro nome era dado pela família, o sobrenome do pai. Em seguida, quando cada ela recebia o nome do marido. Miúda sonhava com esse homem que a daria um nome. Sonhava acomodada, acostumada a não lutar, a não se impor, a não questionar, a se anular. Como as demais mulheres de Mia Couto, essa moça não tem características físicas expressivas ou definidoras de sua pessoa. Entretanto, é seu estado de espírito, seu interior que é apresentada, em sua própria narrativa cheia de revelações. Seu estado era de angustiante submissão, própria de uma mulher entre homens, criada pelo pai controlador e um tio. Era normal que não sentisse sua feminilidade, anulasse seus ímpetos, ao contrário das demais moças. Ela não conseguia se expor. É interessante que em seus relato, ou quando ela observa o comportamento feminino das demais moças que para Miúda é o normal, o faz por um olhar masculino ou machista.

“(…)As mulheres sonhavam com vestido novos para saírem”, (….)Para serem abraçadas pela felicidade”, (….) “as outras moças comiam para não ter fome”, “(…) só as lágrimas me desnudavam, só elas me enfeitavam”, (….) “As outras moças esperavam o domingo para florescer”, (….) as meninas saltavam idades e destinavam as ancas para as danças”. (….) “O meu rabo nunca foi louvado por olhar de macho. Minhas nádegas enviuvavam de assento em assento, em acento circunflexo. (Couto, 2006. P. 13 e 14.)

Assim, vamos tendo a ideia de que a mulher ou é doméstica, do lar, prendada em suas tarefas domésticas, artesanais ou serve para ser expor, para se mostrar, ser admirada pelos homens pelos seus atributos físicos como ancas, rabo, peito, pernas e tudo à mostra. É um objeto de submissão ou sexual. Todo os desejos e vontades de

ser assim de Miúda, são guardados como sua saia amarrotada e queimados pelo seu fogo tão contido que a incendeia e quase a apaga como ela faz com seu vestido.

O que torna esse conto mais interessante, é que mesmo com o passar do tempo, a figura do pai, já morto, insiste em povoar a mente, o comportamento dessa mulher. Ela ainda se sente sobre o domínio dele e ainda se vê pedindo permissão para ser, para tentar ousar:

Chega-me ainda a voz de meu velho pai como se ele estivesse vivo. Era essa voz que fazia Deus existir. Que me ordenava que ficasse feia, desviçosa a vida inteira. Eu acreditava que nada era mais antigo que meu pai. Sempre ceguei em obediência, enxotando tentações que piri-pirilampejavam a minha meninice. Obedeci mesmo quando ele ordenou:  
- Vá lá fora e pegue fogo nesse vestido! (Couto, 2006. P.15)

Mais uma vez podemos perceber uma analogia entre período histórico-político e a obra. A moça é a própria colônia e a figura do pai representa o colonizador que chega mudando os costumes, oprimindo, subjugando e, mesmo depois de “morto, ausente, vencido”, ainda ecoa em seus ditames, mantendo ainda sob domínio e opressão, agora de outra forma. Mas a colônia permanece sem expressão diante do seu opressor. A influência tão enfatizada pela voz do pai, é a mostra clara do que se pode chamar de neo-colonialismo que é a submissão ao poder econômico, aos paradigmas dominante e eurocêntricos.

Em *saia Almarrotada*, a noção de identidade é muito mais complexa, porque a personagem se reconhece pelo que não é, pelo que não faz, pelo que a diferencia das demais. Sua autonegação, sua ideia de estar morta quando finge viver, nos faz perceber que todas as suas chances de vida, de recomeço lhes são castradas e, ao contrários das três irmãs, ela não tem autonomia de se rebelar, de modificar nada e quase fracassa no querer do outro e na imposição dos outros.

Meyer e Soares (2004, p.98) colocam que “o processo de construção de identidade reivindica constantemente mecanismos de controle e de regulação que garantam ao sujeito modos de condutas socialmente adequados”. Afirmam que todos os procedimentos de saberes nesta direção também funcionam ao mesmo tempo, como marcadores das identidades que vão ser colocadas fora do campo da normalidade. Objetiva-se eliminar dúvidas e ambiguidades que venham a exigir o respeito de determinados sujeitos fora dos padrões dominantes. Reforça-se uma identidade definitiva e, de algum modo, e elimina-se marcas das diferenças. Implica conceber que o posicionamento da mulher ou de qualquer sujeito que, sendo subjugado socialmente, queira se sobressair e se tornar protagonista de sua história precisa, através de suas lutas, revestir-se de uma nova identidade, a partir das circunstâncias impostas, garantir sua participação social.

As mulheres contemporâneas têm conquistado, em distintas segmentações, papéis acentuados garantindo espaço no meio social. Esta revolução vai além dos aspectos políticos estabelecidos pelas relações de poder, pois provoca principalmente as mudanças na construção da identidade dessas mulheres e no seu posicionamento efetivo, a tornando protagonista. Quando Meyer e Soares (2004) destacam que os processos permanentes de construção de identidade reivindica constantemente mecanismos de controle e de regulação que garantam ao sujeito modos de condutas socialmente adequados, implica compreender que a identidade da mulher é construída, a partir das limitações impostas, das recessões que as levam a reivindicar seu respeito enquanto sujeito e as levam também, a tomar medidas que as constituam e lhes definam socialmente. Meyer e Soares (2004) concluem que: “nesse caso, é necessário reforçar uma identidade definitiva e, de algum modo, tentar eliminar as marcas das diferenças”. São nesses contextos, em que o protagonismo da mulher emerge e junto com essas ações a definição do seu perfil indentitário que está intrinsicamente atrelado às essas lutas por sobreviver e pertencer em um grupo em que seu lugar não está posto.

Sabendo que essas desigualdades sociais e de gêneros são definidoras para a formação dessa nova identidade.

Em *saia Almarrotada*, a consciência de impotência e de uma vida não vivida tortura e maltrata essa mulher amarrotada, mas a coragem de mudar está dentro, bem no íntimo que ela insiste em não deixar aflorar. Entretanto, essa mulher não se entrega. Mesmo depois de tanto tempo, ainda existe o desejo de se superação e ela, mesmo ouvindo essa voz nos surpreende com um desfecho inusitado: “Eu fui ao pátio com a prenda que meu tio secretamente me havia oferecido. Não cumpri. Guiaram--me os mandos do diabo e, numa cova, ocultei esse enfeitado enfeite”. Couto, 2006. P. 15. Finalmente, essa mulher ousa não agradar, não fazer o que se pediam como quem se firma a última chance de se sobressair. Ela não queima, apenas enterra seu presente. Marques, (2014. P. 17) sobre a análise desse conto em O Silenciamento do Corpo e outros mecanismos de opressão Em “A Saia Almarrotada”, De Mía Couto, afirma que, na passagem em que a mulher ao invés de queimar a roupa, queima seu próprio corpo, a ação, subsidiada pelo devaneio, de lançar-se ao fogo parece ser uma tentativa de se libertar da passividade e das privações sofridas, já que é como se, nesse momento, ela se permitisse exercer o que sempre reprimiu: o fogo do desejo, a dança no baile e os carinhos de um homem. Interessante, também, ainda, atentando para os vocábulos, é a escolha do verbo “esmorecer” para dar conta da passagem do tempo e da existência, embora pequena, de uma esperança. Mesmo lamentando o quão tarde o sonhado homem chegara, ainda existia uma possibilidade de libertação, que havia sido apenas esmorecida, mas não apagada ainda. Nesse paradoxo peculiar aos contos de Mía Couto, ficamos a questionar se ela libertou sua alma realmente, diante da morte, ou liberou-se em seus desejos incendiada de paixão, de entrega a seu tão sonhado homem.

Vale salientar que, parece que os sujeitos, nesse caso, as mulheres estão convictas do que são, estão em constante insatisfações com sua condição e, mesmo

nem sempre assumindo um papel de protagonista, resistem mesmo que timidamente e por fim, sua verdadeira identidade se sobressaem em “pequenos-grande” atos.

Nessa perspectiva, o conto Meia culpa, meia própria culpa nos faz refletir sobre a identidade dessa mulher que narra sua própria história, aparentemente já presa por tentativa de assassinato do seu marido. O diálogo parece acontecer entre ela e um escritor, talvez o próprio escritor em pesquisa, em busca de mais uma missanga, isso não fica claro. Mas ela está sendo entrevistada, ou pediu para que alguém escrever para ela sua história. O fato é que, ao mesmo tempo em que fala, pouco a pouco ela vai se revelando para nós. Maria Metade é seu nome e ela deixa claro o porquê dele: “Nunca quis. Nem muito, nem parte. Nunca fui eu, nem dona, nem senhora. Sempre fiquei entre o meio e a metade. Nunca passei de meios caminhos, meios desejos, meia saudade. Daí o meu nome: Maria Metade”. Couto, 2006. P. 19

Maria se identifica como alguém incompleto, que tudo que viveu foi pela metade, sem intensidade, profundidade. Mais uma personagem, que tem uma estreita relação do nome com sua própria história (Miúda e Maria Metade). Ela inicia contando suas experiências oscilando entre presente e passado, verdade, mentiras, devaneio e realidade. É curioso também que essa ideia de incompletude está na própria visão que ela tem de seu homem e, na verdade, falta também a ele, uma identificação mais forte, entretanto o nome dado, um número também é muito representativo (06, seis, meia dúzia, metade).

(...) Me tivesse calhado, ao menos, um homem completo, pessoa acabada. Mas não, me coube a metade de um homem. Se diz, de língua girada: o meu cara-metade. Pois aquele, nem meu, nem cara. E se metade fosse, não seria só a cara, mas todo ele, um semimacho. Para ambos sermos casal, necessitaríamos, enfim, de sermos quatro. A meu esposo chamavam de Seis. Desde nascença ele nunca ascendeu a pessoa. Em vez de nome lhe puseram um número. O algarismo dizia toda a sua vida:

despegava às seis, retornava às seis. Seis irmãos, todos falecidos. Seis empregos, todos perdidos. E acrescento um segredo: seis amantes, todas atuais. (Couto, 2006. P. 19.)

Assim, Maria Metade vai falando sobre os motivos que a fizeram tomar a decisão de dar cabo ao seu casamento: falta de amor, de atenção, de um olhar para ela própria, pois, se sentia desvalorizada, desrespeitada, sem nenhum valor. O jeito que ela viu para o fim desse matrimônio, que ela acreditava ser, até que a “morte os separasse”, foi matar o seu marido, o Seis. Ao que parece, ela apenas lhe deferiu um golpe como ela mesma relata, não chegou-o a matar. Mas para romper com os laços dessa sua identidade incompleta, do tudo pela metade, ela pede para que seja escrito que ela conseguiu consumir o seu intento. Isso a fazia ser inteira, constituída, finalmente, de suas próprias convicções e de intensa sensação de domínio, de completude.

Maria é confusa quanto ao que é, e se identifica assim como a Miúda pelo que não é, não foi menina bem aceita, não pode usufruir de prazeres simples como ir ao cinema de sua cidade (Cine Olympia), não foi esposa, não era dona, não foi mãe, não era “verdade”. “Pois, conforme lhe antedisse: a verdade não confio a ninguém”.

Maria Metade quer ser constituída pelo outro, pelo escritor, ela projeta sua personalidade imaginária, sonhada na forma que o escritor deve desenhá-la. A vontade de recriar sua história, sua origem, seu final. “Escreva conforme, no respeito do que confesso. E tal e qual. Pois, conforme lhe antedisse: a verdade não confio a ninguém.”

Maria persiste em lembrar de fatos que a tortura, que a faz sofrer por ser verdadeiras situações em que ela se sente invisível, não notada até por um deus, por isso ele prefere a mentira, a projeção de uma outra realidade.

Por isso, lhe deitei o aviso: eu minto até a Deus. Sim, Lhe minto, a Ele. Afinal, Deus me trata como meu marido: um nunca me

olha, o Outro nunca me vê. Nem um nem outro me ascenderam a essa luz que felicita outras mulheres. Sequer um filho eu tive. Que ter-se filhos não é coisa que se faça por metade. E metade eu sou. Maria Metade. (Couto, 2006. P. 19.)

Maria renega sua realidade, renega sua condição de mulher, de negra, de pobre. Na sua infeliz subvida, a ideia que faz de si mesma, ressaca de uma ideologia que a sociedade tentava lhe inculcar, dava a ela, a ideia de não pertencer, de não ser certa. Certa como eram os outros, legítimos e privilegiados.

Eu tinha a raça errada, a idade errada, a vida errada. Mas ficava no outro lado do passeio, a assistir ao riso dos alheios. Ali passavam as moças belas, brancas, mulatas algumas. Era lá que eu sonhava. Não sonhava ser feliz, que isso era demasiado em mim. Sonhava para me sentir longínqua, distante até do meu cheiro. Ali, frente ao Cinema Olympia, sonhei tanto até o sonho me sujar. (Couto, 2006. P. 20)

A ideia clara do racismo, do preconceito de gênero, da predominância dos costumes europeus, do branco colonizador como pessoa de direitos em detrimento do colonizado está atrelada a todo esse discurso simbólico e carregado de significados. Por essa razão, para essa mulher, a prisão se torna um espaço do qual ela pode fugir dessas situações e ser ela mesma, ser autônoma, protagonista de sua vida. Nem que seja imaginando poder ser.

Para encerrar a história, ou sua narrativa, Maria Metade, implora que finalmente sua história seja consolidada, que ela tenha uma chance de não ser pisoteada, subalterna, dominada e o pior, ignorada.

Por isso lhe peço, doutor escritor. Me ajude numa mentira que me dê autoria da culpa. Uma inteira culpa, uma inteira razão de

ser condenada. Por maior que seja a pena, não haverá castigo maior que a vida que já cumpri. (Couto, 2006. P. 21.)

Pelo menos que sua culpa seja inteira. Ela que está no palco, como se fosse possível entrar no cinema pela porta da frente, como protagonista de uma nova história.

### Considerações Finais

Portanto, O fio das Missangas, nos apresenta as mulheres negras, africanas, na condição de sujeitos que ainda buscam se livrar de toda opressão masculina que as subjugam e as condenam a uma vida não projetada, na qual elas não tem direito de ser mulher, de se impor às regras, aos costumes machistas que não só as subjugam como as impedem de ter identidade própria, de assumirem sua feminilidade. São silenciadas, reprimidas e, nessa condição, elas são obrigadas a suprimirem seus sonhos, sua essência. Vivem a vida que lhes são projetada, referendando o pensamento de Simone de Beauvoir que acreditava que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Ou seja, é constituída dentro dos ditames sociais e esses são sempre machistas. Entretanto, os pequenos raios de evolução, de luta, de protagonismo, mesmo que tímidos vem surgindo aos poucos, em atos, diálogos, pensamentos, tudo muito interiorizado ainda, como se não soubesse ou não pudesse ser ainda extravasado. É também a própria simbologia de uma terra oprimida, antes pelos colonialismo, agora pelas submissões culturais e inflexível dos maiores, dos brancos, dos que controlam as linhas que fundamentam os pensamentos dominantes do colonizador.

O que realmente é grandioso nesses contos que compõem o objeto de nossas análises é que em todos eles, a questão da identidade é silenciada dentro das histórias de vida, pois há uma busca incessante de se descobrir quem se é de verdade,

de se constituir socialmente enquanto sujeito. No caso das mulheres, essa submissão é mais dolorosa, pois é constituída pela sociedade que parece insensível à sua dor e condição social.

Por fim, a obra é cheia de símbolos e representações sociocultural da própria terra do autor que, só na condição de um poeta para analisar o cotidiano de seu povo, de suas mulheres de forma real, mas ao mesmo tempo tão literária.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. ed 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CORREIA, Maria Teresa Nobre Correia. **A Personagem Feminina na Obra Contística de Mia Couto**. Covilhã, 2009

HAMILTON, Russel G. **Literatura Africana. Literatura Necessária**. Lisboa, Edições 70, 1981.

**EPISTEMOLOGIA DO SUL**/Boaventura de Souza Santos, Maria Paula Meneses {orgs.}. –São Paulo: Cortez, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

MACHADO, Cristina Vasconcelos. **Construção da representatividade feminina na obra O fio das missangas de Mia Couto**. ISSN: 1983-8379. In Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional **Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política**, realizado entre 24 e 26 de maio de 2011 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. (p. 1 a 14).

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões.** Manaus: Universidade do Estado do Amazonas Edições, 2013. 130p.

MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela. **Corpo, Gênero e Sexualidade.** Porto Alegre, 2004. CDU – 396. Mediação 2004.

SILVA, Mauricio. **Angola, Moçambique e Cabo Verde: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona.** *Dossiê: literaturas africanas de LP* In Nau Literária: crítica e teoria de literaturas seer.ufrgs.br/Nau Literária ISSN 1981-4526. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre. Vol. 07 N. 01. jan./jun 2011. (p. 1 a 17).

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

DE SOUZA, Diná Mendes. DA COSTA, Maria Edileuza. A construção da identidade da mulher negra em mia couto. **Revista Fórum Identidades.** Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 163-180, 2016.

**Recebido:** 30.11.2016 – **Aprovado:** 20.11.2016